# Master Negative Storage Number

# OCI00048.39

Costa Nabiça,
Antonio José da

Dialogo chistoso
entre o vinho e aqua

Rio de Janeiro

1878

Reel: 48 Title: 39

# BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
## PRESERVATION OFFICE
## CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

## RLG GREAT COLLECTIONS
## MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
## JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCI00048.39

Control Number: BBP-9408
OCLC Number : 07517676
Call Number : W 381.5698 P8383 no. 8
Author : Costa Nabiça, Antonio José da.
Title : Dialogo chistoso entre o vinho e agua, cereja e a azeitona / por Antonio José da Costa Nabiça.
Imprint : Rio de Janeiro : Livraria de A.T. de Castro Dias, 1878.
Format : 16 p. ; 20 cm.
Note : Cover title.
Note : In verse.
Subject : Chapbooks, Brazilian.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9-29-94
Camera Operator: CG

# DIALOGO CHISTOSO

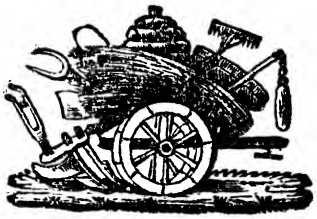
ENTRE

# O VINHO E AGUA

## CEREJA E A AZEITONA

POR

**Antonio José da Costa Nabiça**



RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE A. T. DE CASTRO DIAS

154 RUA DAS VIOLAS 154

**1878**

W
81.5698
1383
o.8

CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

## Vende-se na mesma livraria

Vida e despedida de José do Telhado (poesia) 200 rs. Vida de José do Telhado 1$000 Poesias de Francisco Pires Zinão 1$000. Conselheiro dos amantes 1$000 Proezas de um vagabundo 200 Principe Cyrillo 500 rs. Vida e fadigas de um caixeiro 200 rs. Lyra do Trovador 1$000 D. Nuno Peres de Faria 500 rs. Diccionario das flôres 500 rs. Princeza Magalona, 500 rs. Disputa da mulher com o marido 200 rs. João Brandão despedida 200 Livro dos sonhos 600 rs Contos das fadas 1$000. Fabulas de Ulysses 200 rs. João de Callais 500 rs. Dous proscriptos, drama 1$000 Judia e o Noivado do sepulchro 200 rs. O padre assassinado pelo filho do sapateiro, 200 rs. Cerração no mar 200 rs. Roberto do diabo 500 rs. Um alho scena comica 200 rs. O meirinho e a pobre 200 rs. Astucias de Bertoldo 600 Donzella Theodora 400 rs. O Trovador Brazileiro 500 rs. Ciumes do bardo 200 rs. Historia da bella e da féra 200 rs. Cantos e prantos, poesias 1$000 Amor e dever romance 1$000 Perdição de uma mulher vaidosa 500 rs. Dous namorados, 200 rs. O muudo vai-se acabar 200 rs. Testamento de um soldado 200 rs. A bella adormecida no bosque 200 rs Emquanto o bond não parte 200 Vinte nove honra e Gloria 1$000 Malicia das mulheres 500 rs. O Sarrabulho, scena comica 200 rs. Milagres de S. Antonio 1$000 Dialogo entre a Coruja e o Morcego 200 rs. Vida e trabalhos de um carroceiro 200 rs. Galatéa (poema pastoril) 500. Barba azul 200 rs. Elle e ella romance 200 rs. Canto da Sabiá 200 rs. O Usurario 200 rs. Historia de um marinheiro 200 rs. O Meu amigo banana 200 Supplicio e copos 200 rs. Fui ver a festa da Penha 200 rs. Manel da balada e a modinha do Pescador 200 Paulo e Virgina 500 rs. Disputa da agua com o vinho 500 rs. Roberto do diabo 500, Um alho 200. Ciumes do Bardo 200. Historia verdadeira acontecida no Reino do Algarve 500 Dois Surdos comedia 500. Gotoz da Carne 1000 rs. Noturnos 1500. Scintillações 1500. Viagem dos Imperadores do Brasil em Portugal 2000 rs. Saudades na Campa 500 rs. Luziadas de Camões 1000 rs. Primaveras de Casemiro de Abreu 2500 rs.

Grande sortimento de historias, testamentes, orações, romances poesias etc etc. Gbras de Escriche, C. C. Branco, P. Chagas, Thomaz Ribeiro, D. A. da Costa, Theophili Braga Latino Coelho, J. Cezar Machado, Alexaudre Herculano e outros aucthores por preços muito baratos.

1977

# DIALOGO

## ENTRE O VINHO E A AGUA

**Estando um copo cheio de vinho, cahindo-lhe uma gotta dagua dentro, bradou-lhe o vinho dizendo :**

VIN. Imprudente, confiada.
Mostras grande atrevimento!
Quem te deu autoridade
D'entrar no meu aposento.
Tú não sabes que sou vinho?
Ao pé de mim, tú quem ès?
Não ouves dizer a muitos
Que nem lhe embarres nos pés?
Basta que andas de rasto
Como a cobra no espinhado,
Vagueias só pelo mundo,
E eu estou arrecadado.
E' ditado bem antigo,
E costuma-se a dizer:
« Fazenda que anda de rasto
Pouco valor póde ter! »
Dos homens eu sou encanto,
Sou a alegria dos povos.
No mundo sou desejado
Dos antigos e dos novos.
A todos dou alegria,
Aos tristes faço cantar;
E' tanta a minha virtude,
Que nem a posso explicar.
Faço forte o viajante,
E dou animo ao guerreiro;
A muitos apago a sêde,
A outros eu dou dinheiro.
Sou o luxo das tavernas,
Dou grandeza aos arraiaes,
E tambem prazer a muitos,
Dentro de finos chrystaes.
Assim eu vou á mesa
Da mais alta magestade,
Até na celebre Roma,
A' mesa da Santidade.
No sagrado sacrificio
Todos os dias assisto
E sirvo dentro do calix
Nosso Senhor Jesus Christo.
São provas bem evidentes
Da minha alta dignidade;
E tú, agua és diminuta,
Conheces bem a verdade.
Se puro deixar de ser,
Nunca perco a estimação;
Porque n'outras circumstancias
Tenho immensa applicação.
Inda que eu passe a vinagre,
Não deixo de ter valia,
Porque sirvo de remedio,
E tambem de regalia.
Se passar a destillado,
Serei aguardente fina;
Irei servir de regalo,
Servirei de medicina.
Tú que és, ó simples agua?
Teu valor em que se funda?
Porque além da puridade,
Vaes tornar-te agua immunda.
Nada dizes? quem se cala
E' porque a razão conhece;
A agua sendo corrupta,
Todo o vivente aborrece.
Só immundos bichos crias
E criaturas vegetaes,
Já teu sabor não desejam
As que são racionaes.
E's muda? nada respondes
A quem merece attenção;
Que resposta dar podias?
Quem combate uma razão?

AUG 15 1917

Falla, falla como ré,
Sem ter peijo nem temor,
Aqui n'este tribunal
Falla a ré, falla o auctor.
Não creias que não attenda
A's tuas fragilidades,
Por conhecer que é impossivel
Teres tantas dignidades.
AGUA Achar-te graça em fallarres
Sem pensar nem reflectir,
Mas fallastes com tal chiste
Que a mais de sete fez rir.
Queimaste incenso a ti mesmo,
Contaste só teus valores ;
Se teus defeitos notasses,
Ganharias mais louvores.
Attende bem, não recúzes
Este conselho d'amiga
Mais que tu conheço o mundo
Porque sou já mais antiga.
Por mais virtudes que haja,
Seus deffeitos todos tem ;
Pois sem macula, só Deus.
No mundo não ha ninguem.
E se tu, mesmo sabendo
Que tinhas alto valor,
Não fizesses tanta bulha,
Digno eras de louvor.
Revestidos d'amor proprio,
A tudo te vejo alheio,
Quando, quem a si se louva,
Cáe n'um erro muito feio.!
Recusas minha visita,
Negas-me tua morada ;
E queres presar virtudes,
Quando me negas pousada.
Mais que eu, pensas que vales,
Quando tu nem vales tanto,
Já vejo que não apartas
Domingo do dia Santo.

Sabe que sou alimento,
E que ao teu ente criei ;
Oh ! quantas e quantas vezes
Tua mãe alimentei
Quando no ardente estio,
Meus soccorros lhe faltavam,
Já suas parras e bagos—
Ressentindo-se —murchavam
Assim que á ordem suprema,
Meu valor a soccorria,
Logo, logo de repente,
A videira florescia
Dou alimento no mundo
A todas as criaturas ;
Racionaes e vegetaes,
A's puras e as impuras.
No mundo nada se cria
Sem a minha protecção.
E tú me és obrigado,
Se conheceres a razão.
Não vês provas evidentes
D'esta razão verdadeira ?
Que deixavas de ser vinho
Se eu não regasse a videira ?
Oh! quanto me és obrigado :
Sem que te seja obrigada,
E sem mim tu que serias ?
Quasi o mesmo que nada.
Conheço as minhas virtudes,
E mais nunca me ufanei,
Só por te vêr tão ufano.
E' que deveras fallei.
Tambem assisto nas mezas
Onde tu és venerado,
Com mais honra de ser puro,
Que nada fica manchado.
E tu sempre deixas manchas,
E's semelhante á vareja ;
Mas se disso te envergonhas,
Não permitte que assim seja.

Sejam vasos de madeira,
De louça fina ou chrystal,
A todos vou dar limpeza,
Deixo a todos por igual.
Tu. á lesma és comparado.
Onde passas deixas rastos;
E queres prezar virtudes,
Se tens defeitos tão vastos!
Ainda outro mais te noto,
Porque desordens ordenas
Nas mezas civilisadas,
Em arraiaes e tabernas.
E tantas são as discordias
A que tens dado motivos,
Que tens levado entre amigos
Tranzes bem afflictivos.
E taes damnos tens causado
Nas humanas creaturas,
Que tu mesmo tens em breve
Conduzido ás sepulturas.
Fazes descobrir segredos
Que deviam ser vedados
E que mais tarde resolvem
Bem funestos resultados.
Se queres prezar virtudes,
Ou gosar da dignidade
Dá prazer e paz a todos,
N'esta vasta sociedade.
E esta a minha virtude,
Nem é outro o meu intento,
Nunca roubei o juizo
A quem sirvo de alimento.
Em bastantes sobremezas
Tem por vezes succedido
Rebater as tuas furias
Entre os que tenham bebido.
Apagar sêdes que causas,
Testas e fontes banhar;
Outras partes que não digo,
Por ter pejo de as notar.
A quem tens tirado o senso,
E, depois que te hão bebido,
Eu só c'o a minha virtude
Faço-o ser restituido.
São provas do meu valor,
Outras mais te vou mostrar,
E jámais tu não te atrevas
A fallar sem considerar.
De rastos, dizes que faço
Todo o meo gyro na terra;
Mas não sabes que eu penetro
Em tudo que o globo encerra?
Todas as veias da terra
E' permittido eu correr,
E foi esta a missão justa
Que me impôz o eterno Sêr.
Por causa de ser immovel,
Em tudo que é vegetal,
Fui por Deus eu destinada
Para entrar no seu local.
Entro nas largas campinas
E logo as relvas florescem,
E das arvores brotam flores,
Bellos pomos nascem, e crecem.
As florinhas reverdecem
Se as vou regar ao jardim,
Mesmo sem bocca nem olhos
Parecem rir-se p'ra mim.
E a todos os bichinhos
Dou perfeita regalia,
Que com sede tem tristeza,
E bebendo alegria.
Trato com igualdade
As criaturas humanas,
Tanto entro em palacios,
Como em pobres cabanas.
Entro nas eufermarias
E tambem nos captiveiros;
Vou curar enfermidades,
Consolar prisioneiros.

Pois na mão do pharmaceutico
Tenho tal estimação,
Que me vende em maior preço
Do que sendo vinho bom.
Está pela medicina
Minha virtude approvada,
Que bem mais do que tu vinho
Nas boticas sou uzada.
Se serves todos os dias
A nosso Senhor no calix,
Juntamente eu alli sirvo,
Já tu n'isso mais não vales.
Outra virtude mais tenho
De tão grande estimação
Que foi Christo baptisado
Com a agua do Jordão.
S. João baptisou Christo,
Christo baptisou João,
Todo o imperio chrystalino
Ficou cheio de benção.
E com a mesma virtude,
Aos racionaes baptiso,
Para que possam entrar
No celeste Paraizo.
Estou sempre nas Igrejas
Patente para servir
As ordens que o sacerdote
Me determina seguir,
Assisto a agonisantes,
E acompanho finados
Té que entrem nos sepulchros
Em que sejam sepultados.
E affasto a satanaz,
Que as almas quer tentar,
Quando a terrivel morte,
Do corpo as quer tirar.
E se eu me tornar immunda,
Não deixo de ter valor,
Que vou ser applicada
Nos predios do lavrador.
Que p'ra me tornar corrupta
Muitas vezes me captura
O lavrador, que assim me quer
Para a sua agricultura.
Para melhor produzir
Boas pencas e repolhos,
Ricas cebolas e alhos,
E tomastes para molhos
Os vermes que então gero,
Saibas que são os miminhos
Que Deos cria para sustento
Dos alegres passarinhos.
Que cantam lá n'esses ares,
Para o homem distrahir,
Quando a vil tristeza
O quizer affligir.
Quando esteja melancolico
Meditando o seu degredo,
Ouvindo cantar a ave,
Se distraha e fique ledo
Pois já Deos creou as aves
Que habitam nos ramalhos,
Para destrahir aos homens
De tão pezados trabalhos.
Assim sabe que a agoa
Sempre teve e tem valia,
Seja pura ou impura,
Seja quente ou seja fria.
E se eu estando immunda,
Aos narizes aborreço,
Tu corrupto és o mesmo.
Nem tens mais nem menos preço
VINHO. Nunca julguei que a agua
Soubesse philosophia,
Pois estava tão callada
Que atê aqui nada dizia.
Queres agora dar rethorica,
E tua causa advogar,
Quando nem o juiz póde
As causas suas julgar.

O juiz da nossa causa
Hão-de ser nossos leitores
Nem a ti nem a mim vale
Expressar nossos valores.
Se qualquer a si prazer
Podesse isso ter valia,
O mais baixo se elevava
A maior cathegoria.
E se algumas creaturas
Tenho tirado o juizo.
Ellas mesmas são culpadas
Em beber mais que o preciso.
E quantas vezes tu fazes
Em muitos de quem te bebe,
Resultar tamanha dor
Que lhe tira a vida breve.
Com verdade me disseste
Que sem macula só Deos·
Mas notaste os meus defeitos,
Escuta agora, ouve os teus.
Quantas vezes n'esses mares
Ouves os tristes gemidos
Dos infelizes viajantes
Que em ti se julgam perdidos
Implorando aos Céos
O soccorro do Senhor,
Assim mesmo os abafas,
Sem que d'elles tenhas dór.
Como queres prezar virtudes
Sem teres d'elles compaixão,
Bem de certo não tens dôr,
Porque não tens coração.
Porque fazes cada dia,
Em maros, rios e lagôas,
Em ti serem submergidas
Centenares de pessoas.
E taes desabrigos causam
Essas mortes inesperadas.
Por deixar ficar om terra
As familias desgraçadas.
Filhos e filhas sem pai,
E esposas sem maridos,
Porque são aquelles mesmos
Que tu tens submergidos.
Tambem chamarás virtudes
A esses teus maus effeitos
Que deixam jovens e viuvas
A' negra fome sujeitos?
Que mortes sem oratorio,
Ingrata agua sem dôr...
Nem tempo dás que se pense
Perante o seu Creador.
Não julgues que muitos stejam
Incapazes de apparecer
Perante o supremo juiz
Que a todos deu o ser,
E que enormissimas riquezas
Se tem n'esses mares perdido,
N'esses vasos navegantes
Que a pique tens metido.
Sem que a ti valha a riqueza
Que attrahiste ao fundo,
E tantos necessitados.
Choram por ella no mundo.
São tão vastos os naufragios
A que tens dado motivos,
Que a tantos tens feito victimas
Sepultado mesmo vivos.
AGUA. Que dizes tu, mentiroso,
Tambem tens esse defeito.
De fallar contra a verdade
E conheceres o direito?
Porque dizes que sou eu
D'esses naufragios culpada,
Sabes que são resultados
Da soberba tempestade.
Que muitos vasos se perdem
Com suas tripolações,
Por causa de seus pilotos
Não terem boas precauções.

Outros já por serem inuteis,
Incapazes de viajar
E expol-os á ventura,
Sem primeiro os reparar.
Alguns sahem dos estaleiros,
Por falta de construcção,
Já na primeira viagem.
Soffrem a sua perdição.
Quando até os mais bem feitos
Muitas vezes não resistem
Contra os furiosos ventos
Que tão forçosos lhe invistem.
Dando de encontro nas vellas
Com furia tão arrogante,
Que os mastros lhe espedaçam
Como raio fulminante.
Fazendo-me dar encontros
De rochedos em rochedos,
Este mesmo que na terra
Desarraiga os arvoredos.
Aos vasos dasconjunta,
E assim faz desgraçados
Esses tristes infelizes
Que a mim ficam entregados.
Não porque eu queira vingar-me
Nem tratal-os com aspereza,
Elles mesmos são culpados
E a sua natureza.
Porque essas criaturas,
Que em mim se tem perdido,
Como não eram amphibias,
Não se expozessem ao p'rigo.
Que sendo racionaes,
A rszão bem conheciam,
Para que a tanto risco
Suas vidas offereciam?
Quem tudo creou do nada,
Quem ao homem deo o ser,
Já não deu a natureza
Que no mar possa viver.
Nem creaturas do mar,
Em terra podem viver,
Que se as deitam na praia,
Já a morte vão soffrer.
Por causa das naturezas
Que seu Creador lhe deu,
Para cada um viver
No clima em que nasceu.
Sabes que culpa não tenho,
Ainda me queres culpar,
Quando tu tambem afogas,
Quem sobre ti se lançar.
Se alguem cahe por desgraça,
Em lugar de grande preza,
Logo deixa de viver
A de toda a natureza.
Como me chamas de ingrata,
Quem mais ingratidão tem,
Porque afogas as da terra,
E as da agua tambem.
Quando nem os peixinhos
Em ti podem residir.
Morre toda a criatura,
Que em tua força cahir.
Dirás-me tu n'esse caso:
Não se venham cá metter;
Eu a mesma razão tenho,
Nada me podes dizer.
Quantos se mettem nos mares,
Por causa da ambição,
Que por via dos interesses
Soffrem a sua perdição.!
Por me qu'rer roubar at perolas
E os meus habitadores,
Quando tem na sua patria
Mimosos pães e licores.
Onde pódiam viver,
Com o que Deus n'ella cria,
Se não exigissem mais
Que o pão em cada dia.

Para que exigem thesouros
Para uma vida mortal,
Se com elles se esquecem
Da que nunca tem final.
Podiam viver tranquillos
Aquelle tempo aprazado.
Até á propria hora
Que Deus tenha destinado.
Se esperassem na sua patria
Aquella hora final
Ultimavam suas vidas
De uma morte natural
Pois sabem que não se afogam
Nos seus leitos nem nos lares,
Que se não mettam em forças
De tanques, rios e mares.
Já que a sua natureza
Em mim não póde habitar,
Não se venham cá metter,
Que eu não os vou buscar.
VINHO. Falla verdade. não mintas,
Que eu não posso ouvir tal.
De quem usou o contrario
No Diluvio Universal;
Que toda a terra cobriste
Tudo em ti se afogou,
Só a arca de Noé
Do naufragio se livrou;
Quantos stavam nos seus leitos
Sem esperar a triste sorte..
E no lugar do seu descanço,
Tu lhe fostes dar a morte!
Tantos berços levantaste
Com meninos suspirando,
Sem que te causasse dôr
Vêl-os nas ondas rodando,
A muitas pessoas viste
A's altas arvores subir
Para vêr se a tua furía
Assim podiam fugir.
Outras buscavam livrar-se
Nos mais altos Pyrineos,
Lamentando sua sorte,
Pediam perdão a Deus.
Inda assim não te moveu
Ouvir esse clamor,
Inda queres prezar virtudes
Ingrata agua sem dôr?
Quando como alimento.
Os devias conservar.
Antes sim pelo contrario
A morte lhes foste dar.
Quem me disse que o vinho
Motivada tantos damnos?
Tu ingrata! que tens sido
Sepultura dos humanos.
Não te envergonhas de ser
Do mundo o alimento.
E a tantos dar a morte,
Em tão horrivel tormento?
Como notas meus defeitos
Quando são maiores os teus,
Não sabes que tirar vidas.
Só as dá e tira Deus?
AGUA¿ Calla-te ahi atrevido,
Que não m'reces attenção.
Quem tanto falla baldado,
Que não conhcce a razão.
Em taes mortes não sou cumplice
Qual a razão, eu o digo,
Se assim Deus o destinou,
Para ao mundo dar castigo.
Por ver que todos os homens
Da sua lei abusavam,
Já seu Deus desconheciam.
Só maldades praticavam.
Quando só para a gloria
O homem havia creado,
Se chegou a arrepender
D'o homem haver formado.

Só porque via que quantos
Por ella havia creados,
Tão somente lhe pagavam
Com infinitos peccados.
Resolveu com grande dôr
De seu amor paternal,
A dar castigo ao mundo
C'um diluvio universal.
Porque em tantos peccadores.
Só um justo, Deus achou,
O qual, a sua familia,
D'este castigo livrou.
Segui as ordens supremas,
Meu effeito foi sagrado;
Eis a razão porque digo
Que tanto fallas baldado.
Se a tanto povo fiz victima,
Deus assim o decretou,
Todas as obras são justas
Que meu sénhor ordenou.
Quem me deu o ser d'alimento,
Para conservar os vivos.
Quando quer, comigo mesmo
Aos rebeldes dá castigos.
Não viste no rio Nilo
O que em castigo mostrei.
Que em sangue fui convertida
E a ser agua tornei?
E depois no mar vermelho,
Que Deus tambem se serviu
Para castigar Faraó,
Que a Mozsés affligiu?
E por milagre do Senhor.
Aos lados me abandonei.
Dei passagem aos de Israel,
Aos egypicios castiguei?
Tudo são merecimentos
Que me deu meu Creador,
Nunca de ti se viu tal,
Porque tens menos valor.

Se pensas por estar no vaso,
Que tens muita estimação,
Se te deitar fóra d'elle
Andas de rasto no chão.
Para saberes que o vinho
Nem metade da agua vale,
Não precisa maior prova
Que gerar de mim o sal.
E se eu faltasse no mundo,
Todo o vivente morria,
E pela falta do vinho
Nem uma morte soffria.
Viste como em Raffidim
Aquelle povo se viu,
Soffrendo o flagello da sede,
Que tantos affligiu.
Já todo elle gritava
Contra o seu justo pastor,
Que sómente os guiava
Com as ordens do Senhor.
Dá-nos agua, lhe diziam,
Senão não nos enganasses,
Que não faltava no Egypto
Aonde nos sepultasses.
Ha tanto tempo que trazes
O teu povo consumido,
Sem chegar áquella terra
Que lhe tinham promettido.
Que necessidade teriamos
De virmos aqui morrer,
A' sêde n'este deserto,
Sem soccorro nos valer!
Moysés que isto ouviu,
E já cheio de temor,
Pedin soccorro a Deus,
A quem ouviu o Senhor.
Deus lhe disse: vai Moysés
No monte Oreb beber,
Que d'elle hade sahir agua
Para teu povo viver.

Vae e mais teus anciães
Ao lugar que te digo.
E tem em mim confiança,
Que eu lá hei-de ser comtigo.
Fere com a mesma vara
Com que no Nilo tocaste,
Receberás a mercê
Que a teu Senhor rogaste.
Moyzés com a confiança
Nas palavras que Deus deu,
Ao lagar se dirigiu
Na pedra Oreb bateu.
Tão elegante milagre
Por mim o Senhor fez vêr,
D'um sequioso rochedo
Abundante agua verter.
Se não bastarem essas provas
Para que me dès rasão,
Notarei-te outros milagres
Da passagem do Jordão.
Que quando a arca da alliança
O rio atravessava,
Parou a forte corrente
Que p'ra baixo caminhava.
Em quanto passou a arca
Do concerto do Senhor,
A agua se amontoou
Sem seguir o seu tinor.
Para que os Sacerdotes
Que a Arca conduziam,
Passassem livres de perigo
Ao outro lado do rio.
Só a que estava nos lugares
Por onde elles caminharam,
Foi seguindo o seu destino,
Os quaes só os pés molharam
Tão grande foi a virtude
Que Deus na agua mostrou,
Que a de baixo foi seguindo
E a de cima parou.

Que maiores provas pretendes
Da minha dignidade?
Nem com veres tantos milagres
Te interessás da verdade?
Vendo tantas maravilhas
Que Deus comigo mostrou.
E que nunca com o vinho
Taes milagres operou.
Sendo eu agua já fui sangue,
E a ser agua tornei,
E depois d'isso fui vinho,
Como logo te direi.
Em vinho fui convertida
Em as bodas de Canná,
Nunca o vinho foi agua,
Nem julgo o que será.
Demais d'isso o Senhor
Aos astros me faz subir,
E ao depois repartida,
Na superficie cahir,
O que ainda não se viu,
Vinho na terra chover,
Nem o reino vegetal
Com vinho florescer.
Não te julgues mais que eu,
Por'estar na cuba masmorra
Que nunca o teu ser passou
De vinho, vinagre ou borra.
Não vès tantas maravilhas
Como eu tenho mostrado,
E tu que prezas grandezas,
Em que tens maravilhado?
Não vès nos valentes mares
A agua amontoada,
Sem sahir do seu local,
Que prova queres mais sagrada?
Imitando um folgo vivo
Sem impulso e movimento,
Que causa terror e espanto
Ao homem de mais talento.

Se as grandes vagas parassem,
Padeceria todo o mundo,
Nem ha sabio que comprehenda
Este mysterio tão fundo.
De mim se serve o Senhor
Para mostrar seu poder,
Com taes visiveis milagres
Que em mim fez e faz vêr.
Como se viu quando Pedro
Do baixel se lançou,
Caminhando para o Senhor
Como em terra marchou.
E por milagre do Senhor,
Que a agua consentiu
Que andassem como em terra,
O que a Pedro se viu.
Mas no caso este discipulo,
Que já da fé esquecia,
Em castigo d'isso mesmo
A agua o submergia.
Julgando-se já perdido,
Dizendo—assim gritou:
Senhor Mestre soccorrei-me,
Que em grande perigo stou.
E Christo lhe respondia
—Pedro, porque duvidaste?
Marcha com a mesma fé
bue ao mar te lançaste.—
Pedro se encheu de fé
Assim que isto ouviu,
Logo livre do perigo
A voz de Christo seguiu.
Ainda te não deixei crer
Tua estupidez e crueza,
Nas virtudes que me deu
O Author da Natureza?
VINHO. Creio sim e já conheço
Que tão grande é o valor
Das virtudes que te deu
Quem de tudo é Senhor.
E se eu olhos tivera,
Chorára de arrependido
Aquella grande imprudencia
Que comtigo tenho tido.
E se eu tivera joelhos,
A ti os queria curvar,
E se eu bocca e tu pés.
Eu t'os quizera beijar.
Para que me perdoasse
Quanto fallei não verdade.
E que desde hoje em diante
Ficasses minha comadre.
AGUA. Acho graça ao que requeres,
Porque tal não póde ser
Que eu seja tua comadre,
Sem tu nem eu filhos ter.
Considera outro meio
De melhor te expressar.
Que em quanto por esse modo
Razão nenhuma te sei dar.
VINHO. Creio sim em quanto dizes,
Pois conheço que é verdade,
Mas que tu sejas comadre,
E' sómente na amisade.
Em quanto o mundo fôr mundo
E arvores derem flôres,
Só tratemos um ao outro
Como tratam os amores.
AGUA. Para testemunha e provas
Que fizemos união,
Dêmos vivas um ao outro,
E findamos a questão.
VINHO. Vila o imperio chrystalino
Alegria das flôres!
AGUA Viva o Baccho e seu imperio
Que com vides tem amores!
VINHO. Viva o imperio chrystalino
Que da terra tudo cria!
AGUA. Viva Baccho e seu imperio,
Que aos tristes dá alegria.

## Dialogo entre a Cereija e a Azeitona

CER. Azeitona como amiga,
O teu ser muito me peza;
Pois vejo que nada brilhas,
E's feia por natureza.
Tu não vês como eu brilho,
Redonda e vermelhinha,
Quanto déras azeitona,
Se a tua côr fôra a minha?
Mas tu além da triste côr,
Nem inculcas no feitio,
No sabôr és amargosa,
Tu não tens de ter brio.
Sem o tempero do sal,
Nem teu senhor te deseja,
E eu tenho em mim tempêro,
Quanto mais vale a cereja.
Na arvore só te festeja
Algum estoninho ou gaio,
E eu de todos os meninos
Sou festejada em maio.
Sou alegria das aves,
E dos jovens o encanto,
Até mesmo anciãos
Comigo gastam seu tanto.
A toda hora do dia
Me visitam passarinhos.
A cantar com alegria
Se collocam nos raminhos.
Assim que a bella aurora
Ao longe pega a raiar,
Já me vem dar os bons dias,
Aos bandinhos s cantar.
E tu, minha rabujenta,
Diz qual é o teu valor,
Se no gosto pouco vales,
Muito menos é na côr.
Eu brilho na primavera,
Sou das fructas a primeira,
E tu nos fins do outono,
Por seres a fructa rasteira.
Tu só cauzas defluxeira
E sêde de desesperar.
Só quem s'achar com fastio
Te podera desejar.
AZEIT. Cala-te, minha louquinha,
Não me estejas com porfias,
Porque tu sómente serves
P'ra causares desinterias.
Não duras mais que tres dias
Depois que estás madura,
Em ti mesmo bichos crias,
Olha a podre formosura!
Eu duro mezes e annos
Com a minha triste dôr,
Sem que em mim se crie bichos
Nem que eu perca o meu sabor
Em mezas civilisadas
Tenho grande acceitação,
E' igual o meu valor,
Quer do inverno quer de verão
E se me transformar em liquido.
Que de mim é rescendido,
Até brilho nas alampadas
De ouro, prata e vidro.
Sou das alampadas o brilho
E tambem dos candieiros,
Dou luz em lugares sagrados,
Em Igrejas e Mosteiros.
Passo noites e passo dias
Ante o altar do Senhor,
Para render homenagens
Ao Supremo Creador.
Pois dou luz ao Sacramento
E as almas dos finados.
E tambem nos Santos Oleos
Assisto em baptisados.

E até aos moribundos
Eu costumo assistir,
Quando sua alma do corpo
Está prestes a sahir.
Honro a todas as mezas,
Sejam de ricos ou pobres,
Até assisto nas bodas
Dos cavalheiros mais nobres
São tão vastos os banquetes
A que eu vou dar o tempero,
Não vale o teu gosto dôce
Como vale o meu azedo.
E minha mãe oliveira
Vive sempre florida,
Brilha de verão e de inverno
Até que lhe finde a vida.
E tua mãe cerejeira
Brilha só na primavera,
Dpois é um esqueleto,
Sua folha jaz em terra.
Tenho mais outra virtude
De tão grande estimação,
Que eram d'azeite e farinha
Os pães da proposição.
N'uma riquissima meza
Forrada de ouro lavrado
Em bacias de ouro puro,
E' que estes pães se guardavam.
Cobertos com ricos pratos
Feitos do mesmo metal,
Obras do Santo Moysés,
Por ordem celestial.
No candieiro de ouro
Sete alampadas ardiam
Com o mais puro azeite
Que d'offertas lhe offereciam.
CER. Já'stou crente no teu dito,
Mas não posso entender
Como tu sendo tão feia
Tanto valor possas ter.
AZEIT, Has-de vêr no feminino
Damas feias e formosas,
E muitas vezes as feias
Ter acções mais generosas.
Outra razão podes vêr
Nas mesmas aves do ar,
Que umas valem pelo brilho,
Outras pelo seu cantar.
A mesma dignidade
Tem do jardim as flôres.
Umas pelo seus aromas
Outras pelas bellas côres.
O mesmo vemos nos peixes
Que abitam em agua fria,
Conforme o seu ser e gosto
E' que tem sua valia.
Vês outra razão clara
Nos dotes dos racionaes,
Que todos tem m'recimento
E tambem são disiguaes
Porém tu, minha louquinha,
Fostes bem antevieira;
Vires fallar sem considerar,
Foi cahir em grande asneira.
Mas não me admira cahires,
Quando Lusbel cahiu,
Mas sabe que o Creador
Que com todos repartiu.
CER. Perdoarás, minha amiga
Já conheço que pequei.
Que por minha innocencia
E' que eu sem razão fallei.
AZEIT. Não tenho que perdoar
Que ambas tem mal a virtude
O mais amigas como d'antes,
Eu desejo-te saude.
Que eu sou a mesma que era.
E tu tambem a mesma ficas.
Para o que nós temos remedio,
Escusamos de boticas.

Fazendo presente ao auetor d'esses d'um caroço de cereja ao que elle respondeu com a seguinte quadra.

Prefiro de cerejinha
Mais valia ao caroço,
Pois não ha carne sem osso
Nem ha peixe sem espinha ;
E pode esta sementinha
Uma cerejeira dar
Sem se poder duvidar
Esta razão efficaz,
Pois sabemos que o carnaz
Nunca póde prosperar.

## Decimas offerecidas a Nossa Senhora

O' virgem Immaculada
Filha de S. Joaquim,
Rogai a Jesus por mim,
Levai-me á vossa morada ;
Rainha dos Ceos coroada
Ouvi os meus clamores'
Por aquellas sete dores
Que soffreste por Jesus,
Até que morreu na Cruz
P'ra salvar os peccadores.

O' virgem Nossa Senhora,
Protegei a minha alma,
Para que receba a palma
De entrar no Céo triumphadora,
Sêde d'ella protectora,
Tende de mim compaixão,
Fazei que meu coração,
Viva e morra contricto
Para que o Deus Infinito
Me conceda o seu perdão.

Que purissima Donzella
A Santa Anna Mãe creou,
E ao seu peito alimentou,
Esta pura Virgem Bella,
Para depois nascer d'ella.
O menino redemptor
E crear-se com licôr
D'aquelle peito Sagrado,
Da que Deus tinha creado
Para a mãe do Salvador.

O Sagrado Coração
Do Divino Redemptor,
Ouvi este peccador,
Tende n'elle compaixão,
Dai-me das culpas o perdão,
Por vosso amor infinito,
Para que eu morra contricto
E comvosco vá reinar,
Junto aos anjos cantar
Gloria ao Deus Bemdito.

O Sagrado Coração
Toda a mancha d'alma cura,
Pelo Calix d'amargura
Que receben na Paixão ;
Romiu os filhos de Adão
Jesus n'uma Cruz pregado.
O coração angustiado
O justo Sangue derramou
E a todos resgatou
De nosso grande peccado.

## Quadras ao Santissimo Sacramento

O' sacramento Divino,
Das almas puro alimento,
Rendei nossos corações,
Dai-nos um feliz contente.

O' Sagrado Pai Celeste.
Alimente espiritual;
Thesouro de todo o bem,
Defensor de todo o mal.

Tão real perfeitamente
Como no throno de Deus,
Visivec aos sens anjos.
Interior a olhos meus.

N'essa hostia Sacrosanta
Está a mesma divindade
Que aos Apostolos prometteu
O mestre Celesiial.

Adoro-vos, meu Jesus,
N'esse Sagrado Altar,
Porque sois o Creador
Dos Céos, da terra e do mar.
Adoro-vos meu Jesus,
Com o coração humilhado,
Reconheço que por vos
Quanto existe é creado.
O' Sacramento Divino
Da Igreja fundador,
Attendei a nossos rogos,
Ouvi o meu clamor.
O' Sacramento divino,
Brilhante luz do Sacrario,
Protegsi nossas fraquezes
Como Ente-Necessario,
O' Sacramento Divino,
Minhas graças imploro,
Que vos quero adorar
Como no Céu vos adoro

## Quadras para serem cantadas em dia de Reis

Deus vos dê festas felizos
Estimados moradorees
A benção de Deus vos cubra
De virtudes e favôres.
Deixai vossas moradas,
E marchai alegremente,
Vamos buscar a Jesus,
Como os reis do Oriente.
Que os seus thronos deixaram
Sem n'isso sentir pezar,
Pela grande fé que tinham
De Jesus ir adorar.
Os tres reis do Oriente.
Já chegaram a Betlém,
Já adoraram a Jesus,
E a Virgem Mãe tambem,
Admirados de vêr
Aquelle infante Divino,
Coberto de pobres pannos,
Figurando um peregrino.
Sendo dos Céos a belleza,
Mais que a dos cherubins.
Deveram ser pannos de ouro,
E o leito de marfim.
Entenderam os trez Reis
Que um Senhor de grandeza
Mostrou n'aquelle mysterio
Que não amava a riqueza.
Ajoelharam em terra
Suaves hymnos cantaram,
Suas voses maviosas,
Até aos Céus agradaram.
Acceitai (disseram elles)
Dos tres reis do Oriente
Ouro, incenso e myrrha,
Que vos damos de presente.
Acceitai-nos Deus menino,
E dainos dos Céus a palma,
Levai ao celeste Imperio
Nosso coração e alma.
Assim como vós nos destes
A estrella para guia,
Dai-nos descanço eterno
Em a vossa companhia.
O' Virgem immaculada,
Pelo amor de Jesus,
Permitte que nossas almas
Vão gosar a eterna luz.
Deitai-nos a vossa benção,
Virgem mãe dos peccadores
Attendei a nossos rogos,
Ouvi nossos clamores.
Com a vossa benção Senhora,
As almas dos peccadores,
Brilham no Céu como os anjos,
Na terra como flores.
Vou dar-vos a despedida
A todos peço perdão.
Para ir a outra parte
De cantar a adoração.

Typ. — Rua das Violas 154